

A DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA EM HUMANIDADES SOB UMA PERSPECTIVA DIACRÔNICA: TRADUCTION EM GUSTAVE VAPEREAU

THE TERMINOLOGICAL DEFINITION IN HUMANITIES FROM A DIACHRONIC PERSPECTIVE: TRADUCTION IN GUSTAVE VAPEREAU

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo*

RESUMO: Este artigo apresenta uma pesquisa de Terminologia Diacrônica no qual se buscou analisar trechos da definição de *traduction* do *Dictionnaire universel des littératures* de Gustave Vapereau. A partir da noção de *entorno de significação*, proposta por Finatto, verificou-se que a presença ou a ausência de determinados elementos na definição trabalhada poderiam ser mais bem compreendidos a partir de um viés histórico. O apagamento da sinonímia, da polissemia e a naturalização da forma de tradução vigente no contexto do autor do dicionário, são algumas conclusões que a pesquisa alcançou.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia Diacrônica; Humanidades; entorno de significação.

ABSTRACT: This article presents a research on Diachronic Terminology, in which we sought to analyze excerpts from the definition of *traduction* in Gustave Vapereau's *Dictionnaire universel des littératures*. From the notion of *meaning environment*, proposed by Finatto, it has been found that the presence or absence of certain elements in the definition used, could be better understood from a historical bias. The erasure of synonymy, polysemy and the naturalization of the current form of translation in the context of the dictionary's author, are some conclusions that the research reached.

KEYWORDS: Diachronic Terminology; Humanities; meaning environment.

* Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre e doutorando em Letras (Lexicografia, Terminologia e Tradução) pela mesma universidade. E-mail: cristian.macedo@ufrgs.br.

INTRODUÇÃO

A percepção de que a historicidade dos termos contribui para sua descrição e análise vem aumentando nos últimos tempos. A relevância do estudo diacrônico para Temmerman (2000) e o levantamento histórico propriamente dito como componente do *entorno de significação* para Finatto (2001) são exemplos dessa mentalidade que só tem a contribuir à resolução dos problemas postos pela Terminologia frente a seus objetos.

No presente artigo apresentamos um ensaio de análise diacrônica da definição de *traduction* elaborada por Gustave Vapereau e presente em seu *Dictionnaire universel des littératures*,¹ publicado nos anos 1870. Sua obra é considerada (principalmente por ele mesmo) como a primeira a se aproximar dos demais dicionários de áreas especializadas do período.

Devido aos limites de um artigo, nos fixaremos na história de um importante debate que parece ter marcado a Tradução na França que trata dos estilos, ou formas de traduzir: *Belles Infidèles* (uma tradução mais livre e que busca ajustar-se ao gosto literário francês) e literal ou *palavra por palavra* (que busca reproduzir ao máximo o texto original). Em relação à história das definições, foram estudadas somente obras lexicográficas e enciclopédicas, devido à ausência de obras terminológicas propriamente ditas anteriores à de Vapereau digitalizadas e disponíveis em sua integralidade nos portais Gallica e Google Books.

O artigo foi organizado de forma a apresentar o verbete a ser analisado, as perspectivas de análise, a definição que é o objeto de nosso trabalho, elementos históricos e, por fim, nossa análise. A seção abaixo apresentará a definição de Vapereau. A terceira seção tratará da Terminologia Diacrônica; a quarta, das noções de *definição* terminológica e de *entorno de significação*. A quinta tratará uma breve história da Tradução na França focada na questão envolvendo as formas de traduzir. A sexta apresentará uma descrição diacrônica das definições que antecederam à de Vapereau. A sétima, nossa breve análise.

TRADUCTION EM VAPEREAU

Gustave Vapereau nasceu em Orléans, na França, em 1819. Seus estudos sempre privilegiaram a Filosofia. Em 1842, tornou-se professor dessa disciplina em Tours, mas, por suas posições liberais, dez anos depois foi demitido e mudou-se para Paris. Apresenta seu projeto de um dicionário biográfico de homens famosos da França para o filósofo Jules Simon, que aposta em sua ideia e o insere no mercado editorial. O *Dictionnaire des contemporains*, lançado em 1858, torna-se um sucesso e ganha mais cinco edições. Em 1859 dedica-se a um projeto

¹ Apesar de os Estudos da Tradução constituírem uma disciplina com status acadêmico, isso ocorreu apenas em meados no século XX, e para estudarmos a história das palavras com valor de termo dessa área é preciso recorrer às reflexões realizadas dentro do campo da Literatura, ou Belas-Letras.

literário: *l'Année littéraire et dramatique*. Com a experiência adquirida no campo das literaturas lança em 1876 o *Dictionnaire universel des littératures* (ETIENNE, 1919, p. 4-5).

Vapereau abre a obra apresentando seu objetivo. Após afirmar que a forma de um dicionário, “tão fácil para fazer pesquisas” já havia sido aplicada “com sucesso a uma gama de conhecimentos, às ciências físicas ou matemáticas, à Química, à Medicina”. O autor afirma que “esses repertórios alfabéticos de uma especialidade definida” servem como meios de “vulgarização e de úteis instrumentos de trabalho” e que ainda não se tinha constituído com sucesso uma obra semelhante no campo da Literatura. Algumas tentativas teriam sido feitas no início do século XIX, mas que eram “originalmente insuficientes” e que, naquele momento, já estavam defasadas.² Vapereau entendia que um dicionário de Literatura deveria estar “ao nível do gosto, do espírito e do saber modernos”,³ e sua obra atendia a esses requisitos (VAPEREAU, 1876, p. V, tradução nossa).

O verbete *traduction* de seu dicionário ocupa um pouco mais de uma página. Abaixo, alguns trechos que interessam à nossa análise:

TRADUCTION. La traduction (du latin *traducere*) est simplement l'action de faire passer un ouvrage quelconque d'une langue dans une autre. Elle a pour objet de permettre à ceux qui ne peuvent l'aborder dans la langue où il a été écrit, de le connaître dans la leur. [...] la première qualité d'une traduction est l'exactitude, et que celle-ci ne consiste pas seulement à rendre les idées par des mots équivalents, mais à reproduire le sentiment, le mouvement et la couleur de l'œuvre primitive. La traduction est en littérature ce que dans l'art est la copie d'un tableau; elle doit autant que possible, tenir lieu de l'original. [...] Le nom de “belles infidèles” donne aux traductions du XVIIe siècle, ne renfermait pas toujours un reproche, il résumait l'esthétique de leurs auteurs. “Je n'ai rien omis, disait Gueudeville, le traducteur de Plaute, pour habiller ce vieux comique à la mode; j'étends sans façon ses pensées, etc.” Perrot d'Ablancourt, dans sa Préface de Thucydide, fait la même profession de foi (VAPEREAU, 1876, p. 1986).

² Vapereau cita Charles-Joseph Panckoucke, que tinha reorganizado os verbetes da Enciclopédia de Diderot e de D'Alembert por temas, intitulado uma dessas coletâneas como *Grammaire et Littérature*; e também faz referência ao *Répertoire universel de littératures* que na realidade é uma outra coletânea, mas de longos textos de nomes como La Harpe, Voltaire, D'Alembert, etc.

³ [...] si commode pour les recherches [...] avec succès à tout ordre spécial de connaissances, aux sciences physiques ou mathématiques, à la chimie, à la médecine [...] ces répertoires alphabétiques d'une spécialité définie [...] vulgarisation et d'utiles instruments de travail [...] insuffisantes à l'origine. [...] au niveau du goût, de l'esprit et du savoir modernes.

TERMINOLOGIA DIACRÔNICA

Em Barcelona, no ano de 1997, ocorreu o colóquio *La història dels llenguatges iberoamericànics d'especialitat (segles XVII-XIX): solucions per al present*. Organizado pelo IULA (Institut Universitari de Lingüística Aplicada), ocupou-se das questões da linguagem na produção científica e especializada em visadas diacrônicas. Deste importante evento, três pesquisadoras da Universidade Federal do Rio grande do Sul apresentaram trabalhos que demarcam o início da pesquisa diacrônica em terminologia no Brasil. Inicialmente publicados nas atas do colóquio, os artigos *Terminografia médica no Brasil no século XIX*, de Maria da Graça Krieger, *Estrutura e funcionamento dos dicionários jurídicos no Brasil do século XIX*, de Anna Maria Becker Maciel e *Terminografia brasileira no final do século XIX: contraponto entre domínios emergentes e consolidados*, de Maria José Bocorny Finatto, foram todos enfeixados na seção *Terminologia diacrônica*, do livro *Temas de Terminologia* (KRIEGER; MACIEL, 2001). São textos pioneiros que abriram uma série de pesquisas sobre diversos domínios, lançando mão da abordagem diacrônica da Terminologia.⁴

No ano seguinte ao congresso catalão, Bernt Møller propôs o que chamou de “terminocronia”, que seria um “estudo da evolução dos termos e das terminologias”, visando suprir um “déficit diacrônico” presente no campo de estudo das linguagens especializadas (MØLLER, 1998, p. 426).

Dury e Picton propõem uma “reconciliação” com a diacronia que se daria, por via teórica, através das propostas de Rita Temmerman, em sua Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Percebendo a importância de descrever o caráter evolutivo da unidade de compreensão para melhor apreendê-la, a teoria estimula os estudos diacrônicos (DURY; PICTON, 2009, p. 35). É essa reconciliação que, em 2013, Dury sente estar se realizando, e a sustenta ao afirmar que, apesar de não ser “totalmente explorado, [o estudo diacrônico] não se situa mais à margem da disciplina” (DURY, 2013, p. 2).

Sem dúvida, os estudos de Rita Temmerman são incontornáveis ao se pensar a terminologia e suas transformações ao longo do tempo. Questionando a Teoria Geral da Terminologia, denominada por ela como “teoria tradicional”, Temmerman propõe uma abordagem terminológica com bases na Linguística Cognitiva, especialmente na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados de George Lakoff. A autora levanta cinco pontos que, segundo ela, produziriam uma teoria mais “realista” da Terminologia:

1. A análise deve partir das unidades de compreensão, caracterizadas recorrentemente por uma estrutura prototípica, ao contrário da teoria tradicional que parte de conceitos claramente definidos;

⁴ Destacamos o projeto em andamento *Terminologia Histórica*. Ver Finatto (2018).

2. Uma unidade de compreensão é estruturada de maneira intra e intercategorial e funciona no interior de modelos cognitivos, diferentemente da teoria tradicional que atribui a cada conceito um lugar em uma estrutura conceitual lógica ou ontológica;

3. A definição varia conforme o tipo de unidade de compreensão e o nível de especialização do emissor e do receptor. Na teoria tradicional a definição do termo pode ser intensional e/ou extensional;

4. A sinonímia e a polissemia existem e devem ser descritas. A teoria tradicional defende o ideal de univocidade dos termos;

5. As unidades de compreensão estão em permanente evolução e a diacronia é importante, dependendo do caso, para o entendimento das unidades. Além disso, modelos cognitivos, como os metafóricos, têm um papel de destaque no desenvolvimento de novas ideias, deixando claro que os termos são motivados. Já na teoria tradicional os termos são vistos como tendo relação arbitrária com o conceito e são estudados apenas sob a ótica da sincronia (TEMMERMAN, 2000).

Ao realizar a pesquisa que resultou no presente artigo, tomamos os pressupostos de que os termos, como as palavras, são polissêmicos, manifestam sinonímia, sofrem transformações ao longo do tempo, ou seja, têm uma historicidade. Além destes pontos, recolhidos de Temmerman, elegemos como objeto a definição terminológica a partir da leitura de Krieger e Finatto, cuja citação abaixo, a nosso ver, sintetiza seu valor histórico e científico:

Ao apreciarmos a mutabilidade de um conjunto de definições de termos científicos ao longo do tempo, perceberemos as diferentes trajetórias dos conhecimentos científicos. [...] pela definição é possível observar tanto a linguagem quanto o conhecimento especializado num processo de evolução e alteração, evidenciando a DT como elemento de sustentação tanto para as terminologias quanto para as linguagens especializadas em geral (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 95).

Na seção seguinte, faremos uma breve síntese acerca da definição terminológica e da noção central de nossa análise, *entorno de significação*, que recolhemos dos seus estudos.

A DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA E A NOÇÃO DE ENTORNO DE SIGNIFICAÇÃO

o artigo de 2003, *A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia*, de Maria José Bocorny Finatto, é fruto da sua tese defendida dois anos antes. Nele, lemos uma síntese de alguns aspectos abordados no trabalho de doutoramento. No artigo, a pesquisadora busca “caracterizar e discutir diferentes metodologias analítico-descritivas para o estudo de enunciados definitórios no âmbito dos estudos terminológicos de perspectiva linguística”

(FINATTO, 2003, p. 198). É na esteira de sua análise que construímos nossa perspectiva acerca da definição terminológica.

Tido pela autora como elemento-chave na produção e na comunicação do conhecimento especializado, o enunciado definitório “expressa um segmento de relações de significação de uma dada área do saber”, ele é “um enunciado-texto que dá conta de *significados* de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência”. Nesse sentido, a definição também revela particularidades do meio em que é criada e que circula. Ao trazer o exemplo do termo *língua*, Finatto mostra ao seu leitor que, dentro dos estudos linguísticos, há várias definições, logo vários entendimentos sobre o que seja *língua*. Além disso (e isso muito nos importa no presente trabalho), a “variabilidade e a mutabilidade definitórias ao longo do tempo” ilustram também o papel da definição no âmbito de especialidade (FINATTO, 2003, p.199).

Em seu estudo, Finatto nos esclarece que a lógica tradicional, em suas categorias referenciais *gênero próximo* e *diferença específica*, serviam para uma apreciação qualitativa das definições terminológicas. Bem expressar a categoria geral a que pertence o *definiendum* e suas particularidades distintivas seria produzir uma boa definição. No entanto, este enfoque diante da definição levou a uma tendência de “verificar sua ‘correção’ lógica ou suas condições de verdade”. A autora não nega a utilidade dessas categorias como parâmetros críticos, todavia apresenta outras facetas da definição (FINATTO, 2003, p. 199-200).

Ao recolher diversos enunciados definitórios, a autora percebe que, apesar de caracterizar-se por delimitar, eles não se resumem “à colocação de limites”. E mesmo essa delimitação sofre variações de diversas causas. O mesmo termo pode ser definido de maneiras diferentes em áreas do conhecimento distintas. Os exemplos que Finatto traz são os termos *eflorescência*, em dicionários de Química e Física, e *oligarquia*, em dicionários de Economia e de Ciência Política. A definição no dicionário de Física era mais detalhada, no de Química, mais breve. Mas a tendência que observou nos enunciados definitórios apresentados era a de ir além o *gênero próximo* e da *diferença específica* (FINATTO, 2003, p. 201-202).

Ao se forçar um padrão lógico em definições de diferentes ciências, aponta a autora, correria-se o risco de “ignorar que as diferenças e as heterogeneidades são constitutivas da linguagem e do discurso” e que “cada ciência ou área do conhecimento pode exibir um padrão textual definitório que lhe seja peculiar”. Com o advento de uma Terminologia de perspectiva dos enfoques linguísticos, houve uma aproximação “do texto e do objeto eminentemente textual que se tornou a definição de termos técnicos-científicos e também da definição dicionarística tomada como um tipo de texto específico”. Essa aproximação gerou uma espécie de superação da tradição lógico-gramatical e enfoques da definição que atentam para “a identificação e consideração de elementos cultural-comunicativos, textuais e discursivos presentes nos enunciados” (FINATTO, 2003, p. 202-203).

Para a Finatto, que avança nessa trajetória de superação, a definição terminológica é algo “naturalmente marcado pela interferência de um sujeito enunciador, pela discussão ou pela controvérsia”. Ela é condicionada pelo *entorno de significação* (2003, p. 207). Diz a autora:

Ao enfrentar a definição, não se deve apenas tomar um modelo prévio de formulação correta ou eficiente, mas é preciso inscrevê-lo relacionadamente em meio a algo mais amplo, é preciso ver a definição como um texto simultaneamente construído pelo indivíduo-autor e pela coletividade que ele representa. Importa recuperar, enfim, sua autoria, ambiência e, fundamentalmente, sua natureza lingüística. Em síntese, é preciso considerar a definição técnico-científica como ela é e não apenas como gostaríamos que ela fosse (FINATTO, 2003, p. 217).

Em seu artigo, Finatto apresenta um histórico das perspectivas que foram além da lógico-gramatical, pontuando os avanços das abordagens mais linguísticas da Terminologia (como a do modelo da representação proposicional, ou modelos de cunho cognitivista) e propondo uma aproximação com as teorias enunciativas. Para nossa pesquisa, no entanto, importa-nos ter em mente a que de há muito o *gênero próximo e a diferença específica* já não são suficientes para a análise das definições. Ao recolher definições de palavras relativas ao ofício do tradutor sempre o fizemos levando em conta que a definição também engloba “um conjunto de informações que inclui comentários, instruções e descrições relativas ao termo ou palavra-entrada” (2001, p. 118).

Além de entender, a partir da leitura de Finatto, a definição como um texto cuja complexidade de significações só pode ser analisada indo além da perspectiva lógico-gramatical, e entendendo a sua relação com sujeito enunciador, também recolhemos nos estudos da autora a importante noção de *entorno de significação*. Ao explicitar sua metodologia, escreve:

a descrição da **DT** deve ser composta, inicialmente, por **uma etapa prévia de observação indireta** que diz respeito à identificação dos valores e circunstâncias sócio-históricas do *entorno de significação da linguagem científica*. **Nessa etapa, há o reconhecimento de elementos e de recursos de significação provavelmente importantes para o sujeito enunciador, assim como a identificação de uma tipologia genérica de palavras-termo e de possíveis repercussões do entorno sobre o enunciado**⁵ (FINATTO, 2001, p. 153, grifos da autora).

O *entorno de significação* é rastreado a partir do um reconhecimento de condições histórico-sociais da linguagem do campo estudado. Em sua tese, Finatto constrói uma narrativa ampla da história da Química, observando, depois, os detalhes relevantes para sua análise das definições terminológicas. De nossa parte, considerando o espaço limitado de um artigo,

⁵ Os grifos são da autora.

focaremos em uma questão específica da história da tradução que parece permear grande parte das definições ao longo do tempo: a oposição entre a tradução estilo *belles infideles* e a tradução mais literal.

Encarando, como Finatto, a definição terminológica como um texto que abarca toda a microestrutura que explicita o termo lematizado, percebemos que os exemplos apresentados quase sempre fazem menção a essas formas de traduzir, mencionadas acima. O juízo do sujeito enunciador da definição pende para uma ou outra posição de acordo com o contexto sócio-histórico em que está inserido. Mesmo aqueles que buscam uma certa isenção, também refletem um posicionamento marcado localmente e temporalmente, isto é, estão mergulhados em uma espécie de regime tradutório em que o sujeito está inserido se mostra na definição, cujas transformações são perceptíveis em uma análise diacrônica.

BREVE HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NA FRANÇA E A QUESTÃO *BELLES INFIDÈLES*

O grande responsável pela intensificação da produção de traduções na França foi Francisco I, que reinou de 1515 a 1547. Foi o monarca que acolheu os princípios do Renascimento, permitindo grande desenvolvimento cultural em seus domínios. Criou o *Collège des Trois Langues*⁶ e, em 1539, proclamou o francês como língua oficial do reino, substituindo o latim.

Nesse contexto, temos o primeiro escritor de língua francesa a teorizar acerca da tradução: Etienne Dolet. Em 1540, publicou um texto com o título *La manière de bien traduire d'une langue en aultre*. Segundo Bassnett (2005), os princípios de Dolet

[...] destacam a importância de entender o texto em LF como primeiro requisito. O tradutor é muito mais do que um linguista competente, e a tradução envolve não apenas uma apreciação acadêmica e sensível do texto em LF, mas também a noção do lugar que se deseja que a tradução ocupe no sistema da LM (BASSNETT, 2005, p. 78).

Em 1546, Dolet foi acusado de heresia. Após ser julgado pelos professores de teologia da Sorbonne, com base em sua tradução de Axíoco,⁷ foi condenado e queimado, juntamente com seus livros, em 3 de agosto daquele ano. Seu crime: teria acrescentado palavras, em sua tradução livre, que colocariam em dúvida a imortalidade da alma (WOODSWORTH; DELISLE, 1998, p. 153).

No século XVII, Nicolas Perrot d'Ablancourt, membro da *Académie Française*, enaltecia três qualidades na tradução “clareza, concisão e elegância”. Suas traduções eram marcadas por observações explicativas, e também por cortes no texto de tudo o que “fosse incômodo ou

⁶O Collège tinha como línguas o latim, grego e hebraico. Um dos seus mais famosos alunos desse período foi Calvino.

⁷Diálogo então atribuído a Platão, mas hoje considerado apócrifo.

desnecessário”, ao mesmo tempo em que acrescentava palavras “com propósito ornamental”, sendo por isso considerado o “pai das *belles infidèles*”⁸ (WOODSWORTH; DELISLE, 1998, p. 53).

Apesar de ser localizada historicamente em curto espaço de tempo (entre os anos 1625-1665), a maneira de traduzir conhecida como *belles infidèles* tornou-se uma marca na cultura francesa e sua prática se estendeu até o século XIX. Em linhas gerais, tratava-se de “adornar” e “enriquecer” os textos no processo tradutório, buscando adequá-los ao “bom gosto” e, ao mesmo tempo, facilitar seu entendimento (BAILIU, 1995, passim). No entanto, seria equivocado entender que toda tradução realizada durante esse período seguisse os parâmetros das *belles infidèles*. Na sua origem mesma, havia uma resistência advinda dos jansenistas do Port Royal,⁹ que apregoavam um maior literalismo nas traduções (WOODSWORTH; DELISLE, 1998, p. 155).

No século XVIII, a perspectiva tradutória apresentada na Enciclopédia de Diderot e d’Alembert era uma espécie de “caminho do meio” entre a liberdade total e a literalidade:

Nada mais difícil e nada mais raro que uma excelente tradução, porque nada é mais difícil e mais raro, que encontrar um justo meio entre a licença do comentário e a servidão à letra. Um apego muito escrupuloso à letra destruiria o espírito, e é o espírito que dá a vida: muita liberdade destruiria os traços característicos do original, e se faria uma cópia infiel!¹⁰ (D’ALEMBERT; DIDEROT, 1765, p. 511, tradução nossa).

No final desse século, no contexto da Revolução francesa, eclodiu uma “paixão” pelos clássicos greco-romanos, “considerados expressões definitivas da liberdade”. Os tradutores dessas obras tinham oportunidade de criação, logrando prestígio social. Considerava-se que “não só refletiam a luz dos seus modelos, mas eles próprios eram modelos de oratória nos prefácios que apresentavam às suas versões” (WOODSWORTH; DELISLE, 1998, p. 221).

Por outro lado, foi um período de muitas traduções de novelas góticas inglesas. Gênero que conquistou o público francês, do final do século XVIII até por volta de 1830, essas novelas dominaram o mercado editorial da França, em especial durante a Restauração. Apesar de uma corrente literalista que surgia na Europa no começo do século XIX, seus tradutores seguiam a tradição *belles infidèles*, talvez agindo mais radicalmente frente aos originais que seus antepassados do século XVII:

⁸ Expressão misógina empregada por Gilles Mênage (1613-1692), para caracterizar as traduções de Ablancourt, traçando analogia com uma de suas amantes.

⁹ Port Royal era o nome de uma abadia onde viveram os irmãos, ambos tradutores, Antoine Le Maistre (1608-1658) e Louis-Isaac Lemaistre de Sacy (1613-1684): os “solitários” de Port Royal.

¹⁰ Rien de plus difficile en effet, & rien de plus rare qu’une excellente traduction, parce que rien n’est ni plus difficile ni plus rare, que de garder un juste milieu entre la licence du commentaire & la servitude de la lettre. Un attachement trop scrupuleux à la lettre, détruit l’esprit, & c’est l’esprit qui donne la vie : trop de liberté détruit les traits caractéristiques de l’original, on en fait une copie infidèle.

não hesitavam em mudar títulos, omitir páginas inteiras e introduzir novos elementos, buscando agradar ao leitor e adequar-se à sensibilidade predominante da época [...]. Com essas imprecisões, aproximações, resumos e acréscimos os tradutores agiam efetivamente como censores ou revisores, e o faziam encorajados pelos críticos e o público (WOODSWORTH; DELISLE, 1998, p. 223-224).

Segundo Mounin (1965), o período romântico marca um ponto de transformação no campo da tradução. O sentimento nacionalista alimentado por diversos países europeus passa a enaltecer a língua, a tradição e a literatura nacionais. Ao mesmo tempo, a crítica ao absolutismo estético do Classicismo inaugura uma relativização do gosto. A maneira *belle infidèle* de traduzir era cada vez mais criticada.

Em 1821, as obras completas de Madame de Staël vieram a público. Nelas, foi incluído um artigo publicado originalmente em um jornal italiano em 1816: *Do espírito das traduções*. Em linhas gerais, Staël faz uma crítica às *belles infidèles* francesas, propondo uma maneira de traduzir que abarque as diferenças que caracterizam o estrangeiro.

Para ela, “não há mais eminente serviço que se possa prestar à literatura do que transportar de uma língua para outra obras-primas do espírito humano”. Cada país, se reduzisse sua literatura ao que fosse produzido originalmente em sua língua nacional, “seria sempre pobre”. Mesmo que se conheçam todos os idiomas, afirma Staël, ainda assim se poderia “saborear, através de uma tradução bem feita [...] um prazer mais familiar e íntimo”. As “belezas naturalizadas” pela tradução proporcionariam “novas feições” ao estilo nacional. Todavia, continua a autora, “é preciso que não se dê, como os franceses, sua própria cor a tudo que se traduz”, não se pode encontrar “alimentos novos para o pensamento, defrontando-se sempre com o mesmo rosto, com enfeites minimamente diferentes” (STAËL, 2004, p. 141-143).

Além de opiniões relevantes como de Staël, a busca por conhecimentos de outras culturas, do estrangeiro, do exótico, ampliada pelo Romantismo possivelmente tenha contribuído para a retomada de uma maneira de traduzir mais literal. Levar à cultura de chegada a cor local impressa no texto de partida era uma demanda que surgia nos meios cultos parisienses, em especial nas *sociétés savantes* de caráter histórico (MACEDO; REUILLARD, 2016).

O primeiro grande autor a ouvir essa demanda e colocar-se como um possível revolucionário da forma de traduzir foi François-René de Chateaubriand. Em seu trabalho no *Paraíso Perdido* de Milton, propõe uma tradução palavra por palavra como uma resposta às *belles infidèles* que, para ele, nada tinham de belas (MILTON, 1836).

No texto que antecede seu trabalho em *Paradis Lost*, as *Remarques* de sua tradução, Chateaubriand apresenta suas intenções e não abre mão de criticar seus antecessores. O que ele afirmava ter feito, e estaria apresentando ao público, tratava-se de “uma tradução literal, com toda força do termo” na qual “uma criança e um poeta” poderiam “seguir o texto, linha

por linha, palavra por palavra, como um dicionário aberto sob seus olhos”¹¹ (MILTON, 1836, p. v, tradução nossa).

A coexistência das duas maneiras de traduzir durante a primeira metade do século XIX foi conflituosa. Havia um movimento “profundo e total” contra as *belles infidèles*, que alcançou a vitória com a publicação da tradução da *Ilíada* por Leconte de Lisle, em 1866. Sua obra buscava uma fidelidade literal, reconstituindo historicamente na língua de chegada os elementos do texto de partida. Lançando mão das propostas acerca da “cor local” de Chateaubriand e do historiador Augustin Thierry, De Lisle consolida uma nova fase no campo da tradução francesa, quando a *palavra por palavra* torna-se hegemônica (MOUNIN, 1965, p. 55-56).

PALAVRAS SOBRE O TRADUZIR E SUAS RESPECTIVAS DEFINIÇÕES

Publicado em 1539, o *Dictionnaire françois latin contenant les motz et manières de parler françois, tournez en latin* de Robert Estienne foi um dos primeiros dicionários do período renascentista. O objetivo deste dicionário não era mapear a língua francesa, mas sim ajudar o usuário a escrever em latim. Mesmo assim, as explicações do francês nos são extremamente importantes, pois são a origem de muitas das definições de dicionários monolíngues ulteriores.

A primeira informação do verbete *traduire* é “*il vient de traducere*”.¹² Em seguida, traz uma “definição” que apresenta outros dois verbos que lhe são sinônimos: *Traduire, translater ou tourner en latin ou autre langage aucuns auteurs grecs*. Em latim, segundo Estienne, se diria “*Graecos authores transferre*” ou “*Graeco vertere in latinum*”, ou ainda “*Latinae consuetudini tradere*” (ESTIENNE, 1539, p. 494).

Esse primeiro verbete, *traduire*, traz informações básicas que nos guiarão na leitura dos demais verbetes da mesma obra de Estienne, bem como dos demais dicionários analisados: em francês, *traduire* é *translater* ou “*tourner*” em uma outra língua determinado autor. Ao se traduzir a palavra “traduzir” (ou como diria o próprio Estienne, ao se “*tourner*” para o latim) as opções seriam *transferre*, *vertere*, *tradere*.

No verbete “*tourner*”¹³, as opções latinas são “*vertere*” e “*convertere*”. Mas dentro dos exemplos em latim temos também *tradere*. “*Tourner en Latin*”, em francês, pode ser vertido para o latim como “*Consuetudini Latinae tradere*” (p. 492-493). Aqui temos sugestão semelhante de versão que o autor apresenta no verbete *traduire*. Se triangularmos as palavras em francês (*traduire* e *tourner*) com a sugestão de tradução para ambas (*tradere*), teríamos este equivalente latino

¹¹ [...] est une traduction littérale dans toute la force du terme que j’ai entreprise, une traduction qu’un enfant et un poète pourront suivre sur le texte, ligne à ligne, mot à mot, comme un dictionnaire ouvert sous leurs yeux.

¹² Apesar de afirmar a origem da palavra francesa está no latim *traducere*, em nenhuma sugestão de versão latina ela aparece.

¹³ À frase “*Tourner d’un langage en un autre de mot a mot*”, Estienne sugere “*Verbum de verbo exprimere*”. É a primeira menção à tradução palavra por palavra em um dicionário. Mas “*exprimere*” só aparece como opção para *tourner* no sentido de *traduire* nesse contexto.

como uma espécie de *tertium comparationes* que nos traria a convicção de que Estienne está propondo uma sinonímia perfeita entre as duas palavras francesas:

Quadro 1

Frase em francês	Sugestão de Estienne
Traduire en Latin.	<i>Consuetudini Latinae tradere.</i>
Tourner en Latin.	<i>Latinae consuetudini tradere.</i>

No verbete *Translator* Estienne escreve: “*Translator quelques auteurs Grecz ou tourner en autre langage, Graecos authores transferre*” (1539, p. 496). Ao fazermos a mesma triangulação agora com este exemplo que é proposto (usando o equivalente *transferre*) tanto no verbete *traduire* quanto no *translator*, temos mais uma dupla em sinonímia:

Quadro 2

Frase em francês	Sugestão de Estienne
<i>Traduire, translator ou tourner en latin ou autre langage aucuns auteurs grecs.</i>	<i>Graecos authores transferre.</i>
<i>Translator quelques auteurs grecs.</i>	<i>Graecos authores transferre.</i>

Em Estienne, portanto, verificamos a sinonímia perfeita entre três palavras francesas: *traduire*, *translator* e *tourner*. Elas são verbos com significantes diferentes, mas que designam o mesmo fenômeno: aquele que se dá no mundo quando um indivíduo (o tradutor) lê um texto em uma língua e produz um outro texto em outra língua a partir do que leu no primeiro, atribuindo ao texto produzido uma identidade tal em relação ao texto lido, que se entende os dois como sendo “o mesmo”, porém manifestado em línguas distintas.

Em 1544, quando publica a obra *Les Mots françois selon l'ordre des lettres, ainsi que les fault escrire, tournez en latin, pour les enfans*, Estienne apresenta um dicionário mais enxuto (ao invés das 524 páginas, a versão para jovens tem 189). Mantém apenas o verbete *traduire*, pois condensa os três sinônimos: “*Traduire, trãslater, ou tourner en Latin ou autre langage aucuns auteurs Grecz, Graecos authores transferre, aut vertere*” (1544, sem numeração de página).

O trabalho de Estienne serviu de base para o dicionário de Jean Nicot, de 1606, considerada a primeira obra lexicográfica voltada para a língua francesa. No *Thresor de la langue françoise tant ancienne que moderne*, *traduire* (p. 638), *tourner* (p. 636) e *translator* (p. 640), os verbetes de nosso interesse, foram copiados da obra de Estienne. As frases em latim, que nos verbetes originais eram sugestões de tradução, em Nicot passam a servir de elementos de explicação à palavra francesa lematizada. Até as remissões que Estienne acrescenta na segunda edição do

seu *Dictionnaire françois latin* são mantidas: no verbete *traduire*, “*voyez en Tourner*”, no verbete *tourner*, “*voyez Traduire, & Tradlater*” e no verbete *translater*, “*voyez Tourner, & Traduire*”.

Pierre Richelet, em 1680, tem seu *Dictionnaire françois* publicado. Ele se aproxima dos dicionários modernos, pois traz, além da definição, informações gramaticais, pronúncia, uso e etimologia. Sua microestrutura apresentava, normalmente após a definição de estilo *gênero próximo e diferença específica*, citações e exemplos entre colchetes.

Em Richelet lemos a sequência de verbetes: *Traducteur* (“*Celui qui a traduit un Auteur, ou quelque ouvrage, en une langue différente de celle où l’Auteur a écrit, & de celle où l’ouvrage est écrit*”), *Traduction* (“*Version*”), e *Traduire* (“*C’est ordinairement tourner en une langue différente de celle où ce qu’on traduit est écrit*”) (1680, p. 471).

Como significado de *traduction*, o lexicógrafo escreveu apenas “*Version*”, seguida de um trecho de uma obra entre colchetes, que veremos logo adiante. Esta palavra, *version*, não aparecia nos dicionários que antecederam o de Richelet. Apesar de uma das traduções para o latim da palavra francesa *traduire* ser *vertere* (como vimos acima), a palavra *version* (do latim *versio*) foi usada apenas a partir de 1548¹⁴, na obra *Art poetique françois* de Thomas Sébillot. Além de aparecer como definição sinonímica de *traduction*, *version* também ganha um verbete na obra de Richelet: “*Ce mot signifie traduction, mais dans l’usage ordinaire il n’est pas si usité que le mot de traduction*” (1680, p. 522).

Em Richelet, as definições dos demais verbos vistos até agora (*tourner* e *translater*) são as seguintes, respectivamente: “*Ce mot signifie traduire, mais en ce sens il n’est pas tout à fait du bel usage*” (p. 467) e “*Vieux mot qui signifie traduire, & qui tout au plus ne peut trouver sa place que dans l’ancien burlesque & dans le comique*”. Percebemos, desta forma, que Richelet faz uma diferenciação entre as três palavras sinônimas. *Translater* era uma palavra antiga, usada em contextos cômicos. *Tourner* não fazia parte da “*bel usage*” e *traduire*, que fazia, tinha como sentido ordinário: “*tourner en une langue différente [...]*”. Uma mudança significativa, se pensarmos na sinonímia perfeita em Estienne e Nicot.

Mas o lexicógrafo nos apresenta outro sentido para *traduire*, ligado a expressões que significavam ridicularizar alguém, ou se tornar ridículo: “*se traduire en ridicule. [...] C’est à dire, se tourner en ridicule*”. Não há nenhuma relação com o vocabulário do ofício do tradutor, nossa preocupação no presente artigo. Mas apontamos esse detalhe de acepção da palavra *traduire* por fazer parte de outra sequência de sinônimos com dois dos signos dos quais nos ocupamos. *Tourner*, entre seus múltiplos significados, apresenta o seguinte: “*Rendre. Tourner une personne en ridicule. C’est rendre une personne en ridicule*” (RICHELET, 1680, p. 467). Então, além de significar o que o tradutor faz diante de seus textos, “*traduire*” e “*tourner*” são intercambiáveis na expressão relativa a fazer chacota, ridicularizar o outro ou a si mesmo. A outra palavra que completa esta tríade sinonímica, “*rendre*”, traz uma acepção útil à nossa pesquisa: “*Rendre.*

¹⁴ Informação recolhida no portal CNRTL (<https://www.cnrtl.fr/definition/version>).

Traduire” (RICHELET, 1680, p. 295). Assim, mesmo que não mais em sinonímia perfeita, os três verbos ainda eram lematizados e a eles se juntou mais um, formando o seguinte conjunto: *traduire, tourner, translater, rendre*.

Menções ao “pai” das *belles infidèles* aparecem nas definições. Em *traducteur*, Richelet escreve que “*Les fameux & les excellens Traducteurs François ce sont d’Ablancourt, Vaugelas [...]*”. Em *traduction*, lemos: “*Les traductions de feu d’Ablancourt sont belles, hardies, pleines de feu & de jugement & doivent être prises pour modèles*” (RICHELET, 1680, p. 471). Além das menções elogiosas, em *rendre*, Richelet cita o famoso tradutor demarcando a sua posição acerca da tradução: “*On ne peut rendre les choses de mot à mot. Ablancourt. Tac. 3 partie, remarques*” (RICHELET, 1680, p. 295).

Em 1690 foi publicado o *Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes et les termes de toutes les sciences et des arts*, de Antoine Furetière. A obra foi polêmica¹⁵ e acabou antecipando a publicação do dicionário da Academia Francesa.

Furetière traz o verbete “*vertir*”. Seria o uma espécie de “parente morto”¹⁶ dos demais membros da “família” sinonímica de verbos vista até aqui. Escreve o lexicógrafo: “*Vieux mot qui signifioit autrefois, traduire d’une langue en une autre. Il n’est plus en usage qu’en ses derivez, version, inversion*” (sem paginação). Além de *vertir*, ele traz *translater*¹⁷ como palavra em desuso: “*Translater Vieux mot qui signifioit autrefois traduire*”. No entanto não aponta, como fez Richelet, um contexto onde ainda se usava a palavra.

No verbete *traduire*, lemos

TRADUIRE. v. act. Tourner quelque écrit, quelque Livre en une Langue plus connuë, plus facile à entendre que celle de l’original. Les Livres des poëtes & des Orateurs ne se peuvent *traduire* avec toutes les graces de l’original. On a *traduit* Virgile en toute les langues, tant en prose, qu’en vers. Jean-Baptiste Lally l’a traduit en vers burlesques Italiens; Scarron en vers burlesques François. Ce mot vient de *traducere*. Nicod (sem paginação).

Tourner apresenta variadas acepções e Furetière organiza na mesma entrada várias delas. Uma sobre a tradução, outra sobre o milagre bíblico da transformação da água em vinho e ainda sobre a transformação de frutos. O que vemos no verbete é a ideia comum de *tornar como transformar*:

¹⁵ Furetière era membro da Academia, e um dos responsáveis pela confecção do dicionário da instituição. Acabou por se desentender com os demais membros e entregar seu trabalho para publicação na Holanda.

¹⁶ A língua portuguesa manteve o verbo *verter*. No *Vocabulario Portuguez & Latino* de Raphael Bluteau lemos: “*Verter: Deramar ou Entornar. [...] Verter de húa lengoa noutra. [...] Verter do grego em Latim. In Latinum Graeca vertere*” (1728, p. 452). Inclusive o exemplo latino para o verbete *Traduzir* é o seguinte: *Traduzir hum Autor. Scriptorem vertere, ou convertere*” (1728, p. 234). A língua espanhola também manteve *verter*: “*traducir algun escrito de una Lengua en otra. Lat. Vertere*” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1739, p. 467).

¹⁷ Na modernidade, em espanhol, por exemplo, *trasladar* foi consolidado como “*traducir, en sentido de volver de un idioma en otro, algun escrito. Lat. Vertere, Transferre*” (1739, p. 334).

Tourner, signifie aussi, Changer de nature ; traduire en une autre Langue. Aux nopces de Cana JESUS-CHRIST *tourna* l'eau en vin. Le meilleur vin s'aigrit, se *tourne* en vinaigre. Josephé a été *tourné* en François par Genebrard, & depuis par Mr. Arnaud. On dit aussi, des fruits, des raifins, qu'ils tournent, quand il changent de couleur en approchant de la maturité [...] (sem paginação).

O verbete *rendre*, entre suas muitas acepções e exemplos, traz a frase: “*On dit aussi, Ce passage a été rendu mot pour mot, pour dire, forte bien traduit*” (sem paginação). Ou esta frase era muito usada, ou o exemplo foi inspirado no de Richelet. Todavia, a posição de Furetière sobre os regimes tradutórios pode ser vista no verbete *traducteur*, no qual apresenta a seguinte definição: “*Version d'un livre, ou d'un écrit, d'une Langue en une autre plus connue. Les traductions ne se doivent point faire de mot à mot, mais par des équipollences*” (1690, p. 650).

O dicionário da Academia Francesa, publicado em 1694, traz muito do trabalho de Furetière. As acepções de *traduire* (traduzir textos, tornar ridículo e transferir pessoas) são as mesmas de Furetière, mas a ordem foi alterada. A primeira frase da definição relacionada à atividade do tradutor é a seguinte: “*Tourner un ouvrage d'une Langue en une autre*”. Mais enxuta do que a do seu antecessor, essa definição será modelo para a maioria dos dicionários. Todavia a gama de exemplos proposta faz o texto da Academia se opôr visivelmente à Furetière: “[...] *cela est bien traduit, fidellement traduit, traduit de mot à mot [...]*. As qualidades do tradutor também são verificáveis no verbete *traducteur*: “*Qui traduit d'une langue en une autre. Bon, fidelle, exact traducteur [...]*. A definição de *traduction* é: “*Version d'une langue en une autre. Traduction nouvelle, fidelle, exacte, elegante [...]*” (ACADÉMIE, 1694, p. 583).

A maneira que a Academia trata a palavra *vertir* é digna de nota. A definição de *traduction* é “*version d'une langue en une autre*”. O verbete *version* esclarece que a palavra é “*du mot Vertir, qui n'est plus en usage*” e significa “*interprétation, traduction d'une langue en une autre*”. Alguns de seus exemplos são: “[...] *Version litterale, la version de la Bible [...]* *version fidelle, exacte [...]*” (ACADÉMIE, 1694, p. 633). Ao contrário de Furetière, os acadêmicos optaram por não lematizar *vertir*, mas mantiveram a informação vista como relevante por eles. Já não é o que acontece com *translater*. A definição do verbete no dicionário da Academia é “*traduire d'une langue en une autre. Il est vieux*” (ACADÉMIE, 1694, p. 590). Vejamos os dois outros verbos: *Rendre* “*il signifie, quelquefois, Traduire*” (ACADÉMIE, 1694, p. 394) e *tourner* “*Traduire d'une langue en une autre*” (ACADÉMIE, 1694, p. 577).

Na segunda edição, a definição de *traduction* é melhor elaborada. Sua polissemia é registrada. Ela significa “*l'action de celui qui traduit*” e também “*la version d'un ouvrage mis dans une langue différente de celle où il a été écrit*” (ACADÉMIE, 1718, p. 720). *Traduire* e *rendre* continuam iguais. Já *tourner*, recebe o veredicto de obsolescência, por parte da Academia: “*traduire d'une langue en une autre. [...] Il est vieux*” (ACADÉMIE, 1718, p. 715). Da mesma forma que a informação do verbete *version*, em relação à sua derivação de *vertir*, desaparece e uma diferenciação

em relação à tradução é referida, “*son plus usage est en parlant des anciennes traductions de l’Ecriture*” e também um novo contexto de uso é apresentado, “*des traductions que les Escoliers fons des Colléges*” (ACADÉMIE, 1718, p. 774).

A palavra *interpréter*¹⁸ ganha uma nova acepção na segunda edição: “*Traduire d’une Langue en une autre*” (ACADÉMIE, 1718, p. 845). O verbo abarca tanto a ação de traduzir um texto escrito quanto um discurso falado.

No ano de 1718 também foi publicado outra importante obra lexicográfica. Trata-se do dicionário *La justesse de la langue françoise ou Les différentes significations des mots qui passent pour synonymes*,¹⁹ de Gabriel Girard. O objetivo do autor era apresentar os diferentes “valores” das palavras, permitindo ao usuário saber escolher a melhor para seu discurso (p. XIV). A diferenciação que Girard faz entre *traduction* e *version* é a seguinte:

La Traduction est en langue vulgaire : Et la Version est en langue étrangère. La bible françoise de monsieur de Sacy est une Traduction: Les bibles latines, grecques , arabes, & syriaques sont des Versions. II faut que les Traductions, pour être parfaitement bonnes, ne soient ni plus ornées ni moins belles que l’original : Les anciennes Versions de l’Ecriture Sainte ont acquis presqu’autant d’autorité que le texte hébreu. Une nouvelle Traduction de Virgile & d’Horace pourroit encore plaire après toutes celles qui ont parû: L’auteur & le temps de la Version des Septantes sont inconnus (GIRARD, 1718, p. 200-201).

Em 1736, uma segunda edição da obra de Girard traz um novo título, *Synonymes françois, leurs significations et le choix qu’il en faut faire pour parler avec justesse*. O verbete *Traduction/version* continua com a mesma redação.

Na terceira edição do dicionário da Academia dois dos verbos sinônimos apresentados até aqui recebem algumas modificações. *Rendre*, que significava “algumas vezes” *traduire*, passa simplesmente a significar *traduire*.²⁰ Mas o oposto a essa espécie de recondução de *rendre* ao rol da perfeita sinonímia acontece com *tourner*, que já havia sido declarado “*vieux*”: *On disoit*

¹⁸ *Interpretari* é um verbo que aparece como sinônimo de *vertere* em dicionários monolíngues latinos, todavia, nos dicionários que apresentamos até agora, o verbo francês *interpréter* não tem a acepção do latim relacionada a ação de traduzir. Apenas em 1718 isso ocorre.

¹⁹ “A necessidade de racionalização do século XVIII levará à eliminação de muitos sinônimos. Avaliava-se que uma língua bem construída deveria dispensar sinônimos, buscando-se clareza e precisão. Em caso de vocábulos com dois sentidos, impunha-se a criação de outro vocábulo que exprimisse a diferença. [A obra do] abade francês Gabriel Girard (1677-1748) [teve] grande repercussão na Europa. [...] Em 1772, obra tratando do mesmo tema para a língua italiana, é publicada pelo abade Bencirechi em Paris. Para o espanhol, José Lopez de la Huerta e Manuel Dendo y Ávila publicam, em 1756 e 1789, respectivamente, obras semelhantes. Em Portugal, frei Francisco de São Luís (1766-1845), [escreve] “Ensaio sobre alguns synonymos da Língua Portuguesa”, só publicado em 1877, após a sua morte. Nesse trabalho vem aplicado o método de Girard para o vocabulário português (BRITO; LOHSE *et al.*, 2010, p. 80).

²⁰ “RENDRE, *signifie, traduire*” (ACADÉMIE, 1740, p. 544).

autrefois, Tourner, au lieu de Traduire. Tourner du latin en François. Il est vieux, & ne se dit guère, qu'en termes de Collège (ACADÉMIE, 1740, p. 790).

Além de marcas da obsolescência da palavra (“*on disoit autrefois*” e “*il est vieux*”), os lexicógrafos apresentaram o contexto em que ainda era usado, o “*Collège*”. Por sua vez, a palavra *version* era mais usada para tratar das “*anciennes traductions de l’Ecriture*” e “*des traductions que les Escoliers font dans les Collèges*” (ACADÉMIE, 1740, p. 852).

Entre 1751-1765 é publicada a *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, organizada por Diderot e D’Alembert. O verbete *traduction* traz a relação sinonímica com *version*:

TRADUCTION, s.f. VERSION, s.f. (Synonymes) On entend également par ces deux mots la copie qui se fait dans une langue d’un discours premièrement énoncé dans une autre, comme d’hébreu en grec, de grec en latin, de latin en françois, &c. Mais l’usage ordinaire nous indique que ces deux mots diffèrent entr’eux par quelques idées accessoires, puisque l’on emploie l’un en bien des cas où l’on ne pourroit pas se servir de l’autre : on dit, en parlant des saintes écritures, la *VERSION des septante*, la *VERSION vulgate* ; & l’on ne diroit pas de même, la *TRADUCTION des septante*, la *TRADUCTION vulgate* : on dit au contraire que Vaugelas a fait une excellente *traduction* de Quint-Curce, & l’on ne pourroit pas dire qu’il en a fait une excellente *version* (DIDEROT; D’ALEMBERT, 1765, p. 510).

Os dois sentidos de *traduction* e *version* dos enciclopedistas parece os apresentados pelos acadêmicos em 1718, mas a continuação do texto traz um detalhamento até então inédito:

Il me semble que la *version* est plus littérale, plus attachée aux procédés propres de la langue originale, & plus asservie dans ses moyens aux vues de la construction analytique ; & que la *traduction* est plus occupée du fond des pensées, plus attentive à les présenter sous la forme qui peut leur convenir dans la langue nouvelle, & plus assujettie dans ses expressions aux tours & aux idiotismes de cette langue (DIDEROT; D’ALEMBERT, 1765, p. 510).

Version seria uma tradução mais literal, enquanto a palavra *traduction* seria usada quando o sentido fosse o seu objeto, mais do que a “letra” do texto. Para eles, a “arte da tradução” engloba a da versão, por isso as “*translations que l’on fait faire aux jeunes gens dans les collèges du grec ou du latin en françois, sont très-bien nommées des versions*” (DIDEROT; D’ALEMBERT, 1765, p. 511).

Com a Revolução Francesa em 1789, a Academia foi colocada no mesmo rol dos demais espaços aristocráticos e despóticos do Antigo Regime. Após um processo de debates, que vai de 1791 a 1793, na Convenção Nacional, ela foi extinta. Apesar disso, o *Comité d’Instruction Publique* decide manter o dicionário e uma comissão é formada para revisar, editar e publicar a sua 5ª

edição. A obra em dois volumes, como todas as edições anteriores, traz como novidade um *Supplément contenant les mots nouveaux en usage depuis la Révolution*. Não há indicação sobre a autoria das modificações dos verbetes, se dos antigos acadêmicos, se dos membros da comissão. Essa edição marca definitivamente o desaparecimento de *tourner* como sinônimo de *traduire*. A definição de *traduire*, “*tourner un ouvrage d’une langue en une autre*”, passa a ser escrita “*faire passer un ouvrage d’une langue dans une autre*” (ACADÉMIE, 1798, p. 680).

Nicolas Beauzée, que assinou o verbete *traduction* da Enciclopédia de Diderot e d’Alembert como B.E.R.M., foi um dos autores que retomaram e completaram o dicionário de sinônimos de Girard. A nova edição ganhou o título *Dictionnaire universel des synonymes de la langue française*. No verbete *traduction/version*, além de usar partes do que escreveu na obra monumental dos enciclopedistas, Beauzée destaca a sua diferença em relação ao autor da obra que se propôs completar:

M. l’abbé Girard croit que les *traductions* sont en langue moderne, et les *versions* en langues anciennes : il n’y voit point d’autre différence. Pour moi, je crois que celle-là même est fautive : puisque l’on trouve par exemple, dans Cicéron, des bonnes *traductions* latines de quelques morceaux de Platon ; et que l’on fait faire aux jeunes étudiants des *versions* du grec et du latin dans leur langue maternelle. Il me semble que la *version* est plus littérale²¹ [...]. La *version* ne doit être que fidelle et claire. La *traduction* doit avoir de plus de la facilité, de la convenance, de la correction, et le ton propre à la chose, conformément au génie du nouvel idiome (GIRARD *et al.*, 1801, p. 500-502).

Em 1820 foi publicado o *Nouveau dictionnaire de la langue française* de Jean-Charles Laveaux. É a primeira obra onde aparece a definição para *traduire*, “*faire passer un ouvrage d’une langue dans une autre*” (p. 936), exatamente como publicada no dicionário da Academia Francesa. Vejamos trechos das entradas para o verbete *traduction* que mostram a inspiração acadêmica do lexicógrafo, bem como as reflexões de Girard e dos enciclopedistas acerca da sinonímia com *version*:

TRADUCTION, s.f. Action de traduire d’une langue dans le autre [...].
TRADUCTION, se dit aussi de l’ouvrage qui résulte de l’action de traduire [...].
TRADUCTION, VERSION. (Syn.) La *version* est plus littérale, plus attachée aux procédés propres de la langue originale [...]. La *traduction* est plus occupée du fond des pensées [...] (LAVEAUX, 1820, p. 936).

²¹ O que se oculta entre colchetes, nessa citação, é o trecho conforme o que está no verbete da Enciclopédia, já citado mais acima.

Dicionários como o de Lachâtre (1854) e Bescherelle (1856), seguem essa sequência de verbetes, mantendo seu esquema microestrutural. Já a o *Dictionnaire de la langue française*, de Émile Littré, considerado um “*monument national*” (MUORLET, 2003, p. 95), inaugura uma nova fase na lexicografia francesa, trazendo em sua microestrutura a pronúncia, as diferentes acepções (com exemplos), informações históricas (abarcando os séculos XI e XVI) e informações etimológicas. Para *traduction*, Littré escreve: “1^o *Action de traduire*. [...] 2^o *Version d'un ouvrage dans une langue différente de celle où il a été écrit*”. A informação etimológica também é digna de nota, pois, segundo Littré, *traduction* vem “*du latin traductionem, qui n'a que le sens de faire passer d'un lieu à un autre, et qui vient de traducere*”. Aqui vemos a naturalização do “*faire passer*” e o apagamento do *tourner* já consolidados na lexicografia francesa. Da mesma forma, *traduire* traz a definição da Academia: “*Faire passer un ouvrage d'une langue dans une autre*”. (LITTRÉ, 1874, p. 2294).

Além de Littré, outro contemporâneo de Vapereau, Pierre Larousse, lança uma importante obra: o *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*. Ao tratar do *traducteur*, apresenta como exemplo “*traducteur infidèle*”. No verbe *traduction*, define como a “*action ou manière de traduire, de mettre dans une autre langue*” e também uma “*ouvrage reproduisant un autre ouvrage, mais dans une langue différente*” (LAROUSSE, 1876, p. 390-391).

ANÁLISE

Nossa análise parte da perspectiva de definição terminológica posta por Finatto, na qual o enunciado definitório apresenta relações de significação próprias à área do saber na qual é formulado, indo além do clássico *gênero próximo* e *diferença específica* e refletindo, muitas vezes, a história da disciplina com seus debates, mudanças e progressos. Nesse sentido, o *entorno de significação*, do qual extraímos a história do termo, além dos debates que o circundavam, ganhou papel de destaque em nosso estudo.

Ao longo da seção anterior, podemos perceber que há tanto um percurso de sinonímia entre verbos que denominavam o ato de traduzir (*traduire, vertir, translater, rendre tourner*) que vai tornando alguns obsoletos, enquanto outros ganham maior especificidade. Da mesma forma, a sinonímia entre *traduction* e *version* é relativizada em um processo do qual resulta, por um lado, um uso mais específico para *version* e, por outro, se consolida a polissemia da palavra tradução (significa o processo, mas também o produto). Além disso, vimos que a definição de *traduire* publicada no dicionário da Academia Francesa em 1798 “*faire passer un ouvrage d'une langue dans une autre*” torna-se o modelo a ser seguido por lexicógrafos e enciclopedistas.

Antes disso, na seção que tratamos de alguns pontos históricos do *entorno de significação*, dando ênfase ao debate *belles infidèles* versus *mot à mot*, apresentamos os caminhos dos diferentes regimes tradutórios, que desembocaram em uma supremacia da forma mais literal de traduzir. Forma esta que vigia na época em que Vapereau confeccionou seu

dicionário. Vejamos, retomando os trechos já supracitados do verbete *traduction* de sua obra, como podemos perceber nele esses elementos do *entorno de significação*.

Vapereau não lematiza *traduire*. Dessa maneira, opta por não entrar nas questões sinonímicas envolvendo os verbos. O único termo relativo ao ato de traduzir que ganha um verbete é *traduction*.²² Todavia, percebemos que seu arranjo definatório acaba desviando da sinonímia e da polissemia envolvendo esse termo. *Traduction* era, segundo o dicionário da Academia, por exemplo, “*l’action de celui qui traduit*” e também significava “*la version d’un ouvrage mis dans une langue différente de celle où il a été écrit*”. Para Vapereau, *traduction* era “*l’action de faire passer un ouvrage quelconque d’une langue dans une autre*”. Sua definição abarca um dos sentidos de *traduction* (*l’action de celui qui traduit*) ao mesmo tempo em que integra a definição de *traduire*, explicando que ação é essa (*faire passer un ouvrage quelconque d’une langue dans une autre*). Ação que não mais se define pelo verbo *tourner*. Ao se optar por definir o termo como ação, a polissemia ação/produto é resolvida. Pelo menos é ocultada do leitor. O autor parece forçar uma univocidade inexistente.

Quando, após a definição mais ligada a uma perspectiva lógica, Vapereau escreve “*la première qualité d’une traduction est l’exactitude*”, ele está demonstrando a perspectiva tradutória em voga. A exatidão era a maior virtude de uma tradução. E quando trata das *belles infidèles* não entra propriamente no debate, apenas expressa o entendimento de que, quando se usava a expressão no século XVII, “*ne renfermait pas toujours un reproche, il résumait l’esthétique de leurs auteurs*” (VAPEREAU, 1876, p. 1986). Quando afirma que a exatidão é a principal qualidade de uma tradução e enquadra as *belles infidèles* como uma expressão ligada a alguns tradutores do passado, Vapereau está refletindo um embate histórico cujo vencedor foi um estilo de específico de traduzir. Seu texto definatório naturaliza a exatidão, e relativiza a ação de “embelezar” o texto (seria algo datado que não merecia maiores explicações).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, analisamos o verbete *traduction*, naquele que é considerado o primeiro grande dicionário especializado no campo da Literatura. A partir de Finatto, tomamos a definição terminológica como expressão das relações de significação de determinadas áreas do conhecimento. Não necessariamente amarrada ao modelo lógico *gênero próximo e diferença específica*, a definição reflete a história, os debates e os avanços dessas áreas. Melhor dizendo, a definição emerge de um *entorno de significação*. Foi a partir desse conceito elaborado por Finatto que buscamos reconstruir alguns estratos contextuais que ajudassem a entender as escolhas de Vapereau ao definir *traduction*. Ao enfocarmos o debate histórico entre os adeptos da forma de traduzir conhecida como *belles infidèles* e os que defendiam uma tradução mais literal

²² Mesmo que Vapereau use mais de uma centena de vezes a palavra *version*, em sua obra, ela não é posta como verbete.

(palavra por palavra, ou *mot à mot*); e o percurso de algumas definições de palavras-termos relativas ao ato de traduzir, acreditamos ter acumulado informações valiosas para entender alguns elementos do enunciado definitório apresentado por Vapereau.

Parece-nos que Vapereau, o sujeito enunciativo da definição, talvez a título de dar à Literatura uma linguagem mais ligada às ciências que ele elenca na apresentação de seu trabalho (detentoras de dicionários exitosos junto ao público), (1) força uma univocidade para *traduction*. O autor apaga em sua definição uma história de sinonímia e polissemia não só da palavra lema, mas de todas as palavras relativas ao ato de traduzir. Sem dúvida, é uma escolha, visto que lexicógrafos coevos apresentavam a sinonímia e a polissemia de *traduction* em seus dicionários. Também observamos que ele (2) usa uma definição consolidada pelo dicionário da Academia Francesa, que na edição de 1798 substituiu o verbo *tourner* por “*faire passer*”. Em relação ao debate *belles infidèles* versus literalidade, o autor a apresenta por ser incontornável, todavia (3) opta por naturalizar a exatidão como principal qualidade de uma tradução e relativiza historicamente a maneira de traduzir *belles infidèles*, demonstrando que sua postura refletia o regime tradutório vigente.

Ao final dessa etapa de pesquisa apresentada no presente artigo, vale ressaltar que *tourner* não é sinônimo perfeito de “*faire passer*”. Apesar de designar movimento, *tourner* evoca muito mais a transformação, a mudança. Enquanto que “*faire passer*” contempla a ideia de deslocamento. *Traduire*, *translater* e *tourner* eram sinônimos perfeitos, quando no contexto do trabalho do tradutor, por este ofício ser designado, na época, levando-se em conta duas metáforas: o transporte e a transformação. Parece-nos, que há uma tendência, consolidada na contemporaneidade, de privilegiar a metáfora do deslocamento, do transporte, em detrimento da metáfora do *tourner*, do *tornar*, do “*volver*”, do “*vertere*”. A mudança da redação da definição de *traduire* possivelmente expresse essa tendência. Trata-se de uma questão que precisa ser esclarecida, sob o ponto de vista diacrônico. Entendemos que este é o próximo passo para compreendermos mais o *entorno de significação* do termo *traduction*. Pretendemos fazê-lo no prosseguimento de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 1. ed. Paris: Coignard, 1694.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Nouveau Dictionnaire de l'Académie française**. Paris: Coignard, 1718.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 3.ed. Paris: Coignard, 1740.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 4.ed. Paris: Brunet, 1762.
- ACADÉMIE FRANÇAISE. **Dictionnaire de l'Académie française**. 5.ed. Paris: Smits, 1798.

BASSNETT, S. **Estudos de Tradução**. Trad. Sônia Terezinha Gehring *et al.* Porto Alegre: Ufrgs, 2005.

BALLIU, C. Los traductores transparentes: historia de la traducción en Francia durante el período clásico. **Revista Hyeronimus Complutensis**, Madrid: Centro Virtual Cervantes, edição de 1995, n.1.

BESCHERELLE, Louis-Nicolas. **Dictionnaire national ou Dictionnaire universel de la langue française**. T.2. Paris: Garnier frères, 1856.

BRITO, Ana Maria; LOHSE, Birger *et al.* **Gramática Comparativa Houaiss: Quatro Línguas Românicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

DICTIONNAIRE de Trévoux. Nancy: Pierre Antoine, 1752.

DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. **L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. T. 16. Paris: Briasson, 1765.

DURY, P. Que montre l'étude de la variation d'une terminologie dans le temps. Quelques pistes de reflexion appliquées au domaine medical. **Debate Terminológico**, n. 9, p. 2-10, 2013.

DURY, P.; PICTON, A. Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique? **Revue française de linguistique appliquée** (Vol. XIV), p. 31-41, 2009.

ETIENNE, Charles. Le Centenaire de Gustave Vapereau. **Le Temps**, Paris, n. 21099, 13 abr. 1919.

ESTIENNE, Robert. **Dictionnaire françois latin contenant les motz et manières de parler françois, tournez en latin**. Paris: Estienne, 1539.

ESTIENNE, Robert. **Les Mots françois selon l'ordre des lettres, ainsi que les fault escrire, tournez en latin, pour les enfans**. Paris: Estienne, 1544.

FINATTO, M. J. B. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 197-222, jan./jun. 2003.

FINATTO, M. J. B. Corpus-amostra português do século XVIII: textos antigos de medicina em atividades de ensino e pesquisa. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, v. 12 n. 1, p. 435-464, 29 mar. 2018.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica: fundamentos teórico-metológicos para sua descrição e explicação**. 2001. 395f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

FURETIÈRE, A. **Dictionnaire universel**. T. 3. La Haye: Leers, 1690.

GIRARD, G. **La justesse de la langue françoise ou Les différentes significations des mots qui passent pour synonymes**. Paris: L. d'Houry, 1718.

- GIRARD, G. **Dictionnaire universel des synonymes de la langue française**. Paris: Penaud, 1801.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São. Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). **Temas de terminologia**. São Paulo/ Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Humanitas/USP, 2001.
- LAROUSSE, P. **Grand dictionnaire universel du XIXe siècle**. T. 15. Paris: Administration du grand Dictionnaire universel, 1876.
- LAVEAUX, J.-C. **Nouveau dictionnaire de la langue française**. T. 2. Paris: Deterville, 1820.
- LITTRÉ, Émile. **Dictionnaire de la langue française**. T. 4. Paris: Hachette, 1874.
- MACEDO, C.; REUILLARD, P. A tradução nos primeiros anos do *Institut Historique de France* (1834-1846). In: SEMANA DE LETRAS, 27., 2016, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2016, p. 182-192.
- MILTON, J. **Le Paradis perdu. Traduction nouvelle, par M. de Chateaubriand**. Tomo 1. Paris: Furne et Charles Gosselin, 1836.
- MØLLER, B. À la recherche d'une terminochronie. **Meta**, n. 43 (3), p. 426-438, 1998.
- MOUNIN, G. **Les Belles infidèles**. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires Du Septentrion, 2016.
- MOURLET, Michel. **Littéré au XXIe siècle: le colloque du bicentenaire**. Clichy-la-Garenne: France-Univers, 2003.
- NICOT, Jean. **Thresor de la langue française**. Paris: David Douceur, 1606.
- RICHELET, Pierre. **Dictionnaire françois contenant les mots et les choses**. V. 2. Genève: Jean Herman Widerhold, 1680.
- STAËL, M. De l'esprit des traductions (1820-1821). Trad. Marie Hélène C. Torres. In: FÁVERI, C.; TORRES, M. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2004. p. 140-151. v. 2.
- TEMMERMAN, Rita. Une théorie réaliste de la terminologie: le sociocognitivisme. **Terminologies nouvelles**, n. 21, p. 58-64, 2000.
- WOODSWORTH, J.; DELISLE, J. (Org.). **Os tradutores na História**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- VAPEREAU, Gustave. **Dictionnaire universel des littératures**. Paris: Hachette, 1876.

Recebido para publicação em: 16 abr. 2021.

Aceito para publicação em: 22 ago. 2021.